

Autora bestseller do *Sunday Times*

LAURA  
MARSHALL

TRÊS

Duas grandes amigas

PEQUENAS

Uma noite fatídica

MENTIRAS

TOP  
SEL  
LER

«Soberbo»  
*The Sun*

«Arrebatador»  
*Daily Mail*

«Intenso»  
*Kirkus Reviews*

*Para o Michael*

# OLIVIA

**JULHO DE 2007**

O meu menino. Parece tão sozinho ali. Está a usar um fato pela primeira vez desde que deixou a escola — parece que foi há cinco minutos, embora já tenha sido há mais de dois anos. Parece que foi ontem que o levei à escola pela primeira vez. Nem se lhe viam as mãos dentro das mangas da camisola, demasiado comprida. Ainda vislumbro esse menino no seu rosto, que, para mim, se mantém inalterado. Sim, é claro que ele mudou, mas os seus rostos novos foram acrescentados, camada sobre camada, às suas feições originais, as quais, hoje, só eu consigo ver: um rosto de pele macia, perfeito, com algumas sardas no nariz e uma expressão aberta.

Agora, tem um rosto fechado e aparentemente inexpressivo, mas não me engana. Só eu sinto os estremecimentos que lhe percorrem o corpo, porque também me afetam. Carne da minha carne. Até aos 6 ou 7 meses de idade, um bebé não faz ideia de que é uma pessoa separada da mãe. Até então, pensa que são uma única pessoa, e é nessa altura que surge a ansiedade causada pela separação. O bebé acaba por se adaptar, mas a mãe nunca ultrapassa a separação. A mãe e o filho são, para

todo o sempre, um só. Ela sente cada golpe, cada insulto, cada desgosto amoroso.

— De pé.

Ouve-se uma pancada na porta, que indica a chegada iminente do juiz; sobressalta o Daniel, que se vira, instintivamente, para mim em busca de apoio. Tento sorrir, mas os meus lábios recusam-se a tomar a forma adequada. Ele percorre a assistência com um olhar esperançoso, embora saiba que o Tony não está cá. O Tony não consegue enfrentar a realidade. Eu também não, mas estou aqui presente. É apenas mais uma das coisas na minha vida que achava não conseguir enfrentar, mas que, ainda assim, enfrentei. Tal como levantar-me cinco vezes por noite para o alimentar ou aplacar o seu choro, ou passar incontáveis manhãs de domingo a vê-lo jogar rãguebi sob uma chuva gelada, ou atravessar o país de carro para o levar a atuar nos seus concertos de piano, ou passar toda a noite sentada ao seu lado na primeira vez que se embriagou, porque receava que ele adormecesse e asfixiasse com o próprio vômito. Tudo o que fiz foi para o proteger, para lhe melhorar a vida. É isto que nós, mães, fazemos. Tenho de me lembrar disso, independentemente do que acontecer e do que eu fiz. Nunca foi por mim. Foi pelo Daniel.

O juiz entra na sala de audiências, uma caricatura com uma peruca comprida e faces rubicundas, e os jurados observam-no com expectativa. Estão nervosos, inquietos; é provável que a maioria nunca antes tivesse entrado num tribunal, quanto mais sido parte essencial de um processo judicial. Alguns deixam que o olhar deambule até ao Daniel, mas não se demoram muito nele. Que sentimento os leva a desviar o olhar? Repugnância? Medo? Quanto saberão já sobre ele, sobre aquilo de que o acusam?

Chego-me um pouco à frente e apoio os braços na balaustrada. Estarei presente todos os dias até tudo isto terminar. Imagino apenas um final positivo, no qual ele é ilibado, as testemunhas desacreditadas, no qual a... vítima admite ter mentido.

Apanhamos um táxi até casa, e eu deito-o na cama; ele adormece, e o seu corpo e a sua mente começarão a restabelecer-se.

Não consigo contemplar outro resultado. Estremeço só de pensar nisso. Para mim — e para a maioria das pessoas —, a prisão sempre foi um conceito abstrato. No máximo, passei de carro diante de prisões e imaginei os reclusos no seu interior, mas como se estes constituíssem uma espécie à parte. Eram criminosos, não pessoas comuns. Pessoas completamente estranhas à minha vida, com quem nunca teria de me cruzar e em quem nunca teria de pensar. Agora já não é assim.

Quando temos outras mães como amigas, as conversas evoluem com o decorrer dos anos. Ao início, falávamos sobre noites sem dormir e fraldas, a primeira palavra dos bebés e a primeira ida ao bacio; depois, sobre a escola, os dramas das amizades, a puberdade. Mais recentemente, sobre drogas, sexo e álcool. Pensava que seriam os últimos problemas que teríamos de enfrentar antes de eu criar uma relação adulta com os meus filhos. Imaginava-os a levar-me a almoçar fora, a pedir-me conselhos acerca de melhorias a fazer nas suas casas, a abraçar-me como quando eram pequenos, com a diferença de, agora, serem eles a reconfortar-me, ao invés do contrário. Nem num milhão de anos imaginaria estar aqui, numa paisagem desconhecida, para onde nenhuma das minhas amigas pode ou quer seguir-me. Trocaria de lugar com qualquer uma delas sem pestanejar.

O juiz senta-se e todos o imitam, à exceção do promotor público, que se vira para os jurados de modo a fazer a sua declaração inicial. Assim começa o julgamento do meu menino, acusado de violação.

## ELLEN

### SETEMBRO DE 2017

Como a Sasha não está em casa quando chego do estúdio, ponho a tocar um CD da gravação da Olivia da ária *Lamento de Dido*, de Purcell, no volume máximo. É claro que tenho tudo o que ela alguma vez gravou, mas este é o meu CD preferido, porque é uma ária mais serena e intimista, e não tão espalhafatosa quanto outras. Foi a primeira coisa que a ouvi cantar ao vivo, e inserir o CD na minha aparelhagem de som antiga faz-me sentir bem.

No programa de hoje, pus a tocar a secção gravada ao vivo, sem ter de me preocupar se a Sasha estaria a ouvir. Ela estava a trabalhar, e certamente não ouviam a Simply Classical no seu escritório. Acho que nenhum dos seus colegas sabia sequer da existência de uma estação de rádio digital tão pequena, a menos que ela a tenha mencionado, o que duvido. Raras vezes fala comigo sobre a estação — um sinal silencioso de que desaprova a minha profissão, porque faz-lhe lembrar os Monktons. Eles viviam para a música clássica, e ela rejeitou-a por completo desde que saiu de casa, como a tudo o resto que tivesse qualquer ligação com eles.

Comigo, no entanto, foi diferente. Gostava bem mais de música clássica do que ela jamais gostou. Os meus pais não eram dados a ouvir música. Às vezes, a minha mãe ouvia a Radio 2, na cozinha, e tinham alguns CD numa prateleira empoeirada, na sala da frente, que, ocasionalmente, punham a tocar quando recebiam a visita de amigos, mas não lhes davam grande importância. A música não lhes despertava emoções.

Tornei-me quase uma fã histérica no que concernia às bandas de que outras raparigas gostavam, e colava cartazes na parede do meu quarto; cheguei a ir a alguns concertos com a Karina, mas nunca apreciei música de alma e coração. Só entendi todo o potencial da música quando, naquele primeiro concerto, me senti na escuridão ao lado do Daniel e, de coração acelerado e lágrimas nos olhos, ouvi a voz da Olivia cair sobre mim como água quente.

Deito-me no sofá, tentando relaxar ao som da música, mas mantenho o comando na mão, alerta, à escuta, não vá a Sasha entrar. Na sexta-feira passada, não estava à espera dela, pois pensava que ela não viria a casa quando saísse do trabalho, mas chegou por volta das sete da tarde e ficou fura por me encontrar a ouvir a Olivia. Não disse nada sobre a música, mas apercebi-me do seu desconforto, que, qual ondas sonoras, era invisível, mas, ainda assim, poderoso. Desligou a música, e eu tentei falar com ela, mas enfiou-se no quarto com a desculpa de estar cansada. Passava-se, decerto, algo com ela, mas nunca cheguei a descobrir o quê.

Nesta sexta-feira, não é a chave da Sasha, mas a campainha que me interrompe e me leva a endireitar-me atabalhoadamente, como se fosse uma marioneta. Desligo a música de imediato e dou alguns passos no corredor.

— É o Jackson — diz uma voz tensa no intercomunicador. Nada de cumprimentos. O Jackson não está para perder tempo com os salamaleques das saudações habituais que afinam as rodas sociais. Suspiro e abro-lhe a porta; espero ouvir os seus passos no corredor comum antes de lhe abrir a porta.

Ele passa por mim e dirige-se para a sala da frente. — Ela está em casa?

— Não, ainda não chegou do trabalho. Tinham combinado alguma coisa? — Sou fria, de maneira a corresponder, nota por nota, à brusquidão dele.

— É óbvio que não — diz ele, deixando-se cair, de pernas abertas, no sofá. — Fui ter com ela ao trabalho... para lhe fazer uma surpresa. — Parece envergonhado com o que acabou de dizer. Ambos sabemos que estava a espíá-la. — Não estive no serviço toda a tarde. A rececionista disse-me que ela saiu à hora de almoço, e, quando lhe ligo, a chamada vai diretamente para o voicemail. Se não está cá, onde está?

— Como hei de eu saber? Não sou tutora dela.

Tento manter o meu tom frio de indignação, mas começo a sentir uma certa preocupação. Onde é que ela estará?

— Vocês são próximas — diz ele. — Não és a melhor amiga dela? Muito íntima? Não te conta tudo?

Uma vizinha na minha cabeça indaga se o que ele diz será verdade, mas, como quero que seja, confirmo-o.

— Sim, conta, e, seja lá o que for que estás a pensar, é mentira. Ele não anda com ninguém, Jackson. Não anda mesmo. Ela ama-te.

Nem eu acredito verdadeiramente nesta última parte. Não tenho a certeza de que ela o ame. E o resto também não parece ser verdade. Doze anos de amizade deviam proporcionar-nos um certo nível de entendimento. Não devia ser preciso contar uma à outra o que se passa, o que sentimos. Devíamos tão-somente sabê-lo. E, normalmente, sei, mas, na última semana, desde que ela chegou a casa tão estranha, tem andado distante, evasiva, e repele todas as minhas tentativas para perceber o que se passa. O Jackson acalma-se um pouco ao perceber que, de facto, não sei onde ela está. Sento-me na borda da poltrona.

— O que é que se passa com ela, Ellen? — A sua arrogância desapareceu, e, com um sobressalto de surpresa, apercebo-me de que ele gosta mesmo dela. — Quer dizer, ela é um



cata-vento, nunca sabe o que quer nem para onde se virar, mas isto é diferente. Não é a primeira vez que a apanho a mentir, nos últimos tempos.

— O que queres dizer com isso? — pergunto, dividida entre o meu desconforto por o ouvir falar assim dela e a minha necessidade de saber o que se passa. Que mentiras lhe terá ela andado a contar?

— Oh, sei lá... Não estar onde disse que ia estar, ou ser... evasiva. Fugidia.

— Mas ela foi sempre um pouco assim. — É a mais pura verdade. Já quando éramos adolescentes e pouco tínhamos a esconder, a Sasha gostava de ter uma aura misteriosa. — É assim que ela é. Isso não significa que...

— Que ande a foder com outro gajo? Oh, cresce e aparece, Ellen! Ela não é perfeita, sabes? Tem defeitos, como todos nós. Se é que não tem mais.

— Eu sei — respondo, tensa. — Também nunca disse que era.

— Não, nunca o disseste — replica ele. — Mas todos nós vemos o que pensas dela, o quanto gostas dela.

— Pois se é a minha melhor amiga! — Tenho as faces a arder. — E o que é que queres dizer com isso de «todos nós vemos»? Nós quem?

— Esquece — responde o Jackson, puxando, sorumbático, um fio solto nas suas calças.

— Olha, ela não está em casa e não faço ideia de quando volta — digo com firmeza, levantando-me e dirigindo-me para a porta. Não o quero aqui, no nosso apartamento, nem aturá-lo, a ele e às suas acusações e insinuações. — Quando ela voltar, digo-lhe para te ligar, está bem?

— Acho que vou esperá-la aqui — responde ele, sacando de um maço de cigarros e de um isqueiro. — Mais cedo ou mais tarde, terá de regressar.

Concordaria por instinto, mas obrigo-me a falar.

— Preferia que não esperasses por ela aqui. E não podes fumar cá dentro.

Ele suspira, com trejeitos teatrais, e guarda novamente os cigarros no bolso.

— Está bem, vou-me embora. Mas vê lá se ela me liga assim que chegar.

— Eu digo-lhe que vieste cá, Jackson. Ela é que sabe se te quer ligar ou não.

Depois de ele se ir embora, entro na cozinha, onde tenho o telemóvel a carregar, e telefono à Sasha. A chamada vai diretamente para o voicemail. Ouço a mensagem dela, como se pudesse conter alguma pista. «Olá, ligou para a Sasha. De momento não estou disponível, por isso, deixe a sua mensagem.» Dá para perceber que gravou a mensagem com um sorriso no rosto.

— Olá, sou eu. O Jackson veio cá e disse que não estavas no trabalho. Onde estás? Liga-me quando ouvires a mensagem.

Ponho o telemóvel de lado e encosto-me à bancada. Olho pela janela. Há pouco que ver deste lado do apartamento. O prédio mais próximo dista apenas cinco metros do nosso, com uma faixa de cimento esburacado pelo meio. No apartamento em frente, vivem dois punks da velha guarda com cristas enormes. Às vezes, quando estão a cozinhar, sorriem e acenam-me, mas hoje não há sinal deles. Vê-se apenas um fragmento de passeio na rua de acesso à estação, e há um fluxo constante de transeuntes que regressam a casa do trabalho. Nenhum deles é a Sasha. Lembro-me de novo daquilo. As recordações empurram a porta que lhes fechei na cara há anos.

Sento-me à pequena mesa da cozinha, junto à janela, pego numa caneta, que, não sei como, foi parar à fruteira, e giro-a várias vezes entre os dedos, manchando-os com tinta. A esta hora a Sasha já costuma ter chegado do trabalho, a contar-me as divertidas histórias do seu dia, com um copo grande de vinho para cada uma, e a vasculhar o frigorífico em busca de algo para comer. É uma das minhas alturas preferidas do dia quando estou em casa, embora não cumpra propriamente o tradicional horário das nove às cinco, tendo em conta os meus turnos irregulares na rádio e outros trabalhos como freelance.

Tenho fome, mas não me parece fazer sentido cozinhar só para mim. Torro uma fatia de pão e como-a sem prato, enquanto olho pela janela, a ver o céu escurecer. São cada vez menos os transeuntes na rua, mas não há sinal da Sasha. Ligo-lhe de novo, mas a chamada continua a ir para o voicemail. A voz irritante na minha cabeça que tanto tenho tentado ignorar está agora mais alta. Ponho novamente o CD da Olivia a tocar para tentar abafá-la, mas é um erro, pois faz-me rememorar aqueles tempos, e o que havia começado por ser um sussurro, uma pergunta, uma sugestão, torna-se agora uma voz que não consigo silenciar.

*E se ele está de volta?, diz a voz. E se ele já se fartou da sua nova vida na Escócia? E se tem estado à espera, a deixar o tempo passar só para nos dar uma falsa sensação de segurança? À espera de que uma de nós baixe a guarda, cometa um erro? E se ele estava à espera dela à porta do trabalho? E se a seguiu pela rua, a encurralou num beco escuro e a enfiou à força num carro?*

Não. Ela foi a algum sítio e ficou sem bateria no telemóvel, só isso. Em breve chegará a casa, a cheirar a vinho e cigarros, e vai abraçar-me com carinho e, indiscreta como sempre, contar-me mexericos. Iremos ficar sentadas a conversar até tarde, como fazemos amiúde, e, de manhã, vou levar-lhe uma chávena de chá e vamos assistir, sem grande atenção, ao programa *Saturday Kitchen* na televisão do quarto dela, enquanto vemos roupas online e planeamos uma ida às compras de tarde.

Já escureceu quase por completo, mas ainda estou aqui sentada. Como não acendi a luz da cozinha, consigo ver o que se passa lá fora, ao invés do meu próprio reflexo. O passeio está mais ou menos vazio; só por ali passa o ocasional sujeito que sai tarde do trabalho, cabisbaixo e de passo apressado, ou grupos de amigos que conversam e riem a caminho do bar. Eu continuo aqui sentada, a observar, à espera, tentando abafar a voz que abre caminho, à força, até ao meu cérebro, rondando as paredes e fechaduras que construí para a manter afastada. A voz que reverbera dentro de mim e me lembra que há dez

anos o Daniel Monkton foi condenado a dez anos de prisão, cinco dos quais passados em prisão efetiva, e cinco em liberdade condicional, sujeito a todo o género de vigilância e controlo. A voz que me diz que o Daniel Monkton pode, agora, ir aonde quiser e falar com quem lhe apetecer. A voz que me diz que o Daniel Monkton está de volta e se quer vingar de nós pelo que fizemos.

# ELLEN

## JULHO DE 2005

No dia em que a família nova se mudou para a casa da esquina, eu e a Karina sentámo-nos (como se por acaso, mas intencionalmente) no muro do jardim da casa em frente à dela. Ela estava a pintar as unhas num tom forte de azul-elétrico, o frasco de verniz a balançar, periclitante, no muro irregular, enquanto eu folheava uma revista da mãe dela.

As férias de verão tinham começado apenas nessa semana e já prometiam ser as mais aborrecidas de sempre. Mais uma vez, não íamos passar as férias a lado nenhum. Os pais da Lilly Spencer iam levá-la ao Dubai, e há semanas que ela só falava disso. Nós nem sequer íamos a Bournemouth.

A casa da esquina estava vazia há anos. Tinha ouvido o meu pai dizer que pediam demasiado dinheiro por ela, que era grande demais para aquela rua e que ninguém que tivesse o dinheiro que pediam por ela escolheria morar na nossa zona. Não percebi ao certo o que ele queria dizer com aquilo, mas a casa era, sem dúvida, maior do que qualquer uma das moradias de dois ou três quartos do resto da rua, e o seu jardim de canto era enorme comparado com o meu e os dos meus amigos.

Ao contrário das outras casas, tinha até uma garagem. Uma vez, a Karina e eu entrámos no jardim através de um buraco na cerca. A relva chegava-nos aos joelhos e molhou-nos o fundo das calças ao ponto de se colarem às pernas. Espreitámos pelas janelas e vimos as divisões vazias, com os seus tetos altos e o soalho despido. Uma das janelas estava meio escalavrada e a Karina quis que a abríassemos e entrássemos na casa, mas eu recusei. Em vez disso, explorámos o jardim, e a nossa auto-consciência, típica do início da adolescência, impediu-nos de jogar às escondidas num local tão adequado. No fim, trepámos à amoreira, ao fundo do jardim, e ficámos a imaginar como seria a vida das pessoas que seguiam viagem no andar superior dos autocarros.

A carrinha das mudanças foi a primeira a chegar. A família nova devia ter-lhes dado a chave, porque começaram a descarregar de imediato. Porém, não eram coisas normais. O primeiro objeto que vi sair da carrinha foi uma gaiola de pássaros de decoração, o género de coisa que se vê nos filmes antigos transmitidos na televisão. Mas não tinha nenhum pássaro lá dentro. Seguiram-se caixas atrás de caixas, todas elas marcadas com letras grandes: «Livros». Tantos livros.

— Tens muitos livros em tua casa? — perguntei à Karina. Já lá tinha ido, obviamente, e não vira nenhum, mas não sabia onde é que as pessoas que tinham muitos livros os guardavam. Talvez estivessem no quarto da mãe dela. Não podíamos lá entrar; estávamos proibidas.

— Não — respondeu a Karina. — E tu?

— Não, quase não temos nenhum. A minha mãe tem uns livros de receitas velhos, com imagens de coisas esquisitas que ninguém quer comer. Nunca os usa para ver receitas. E acho que temos a Bíblia.

— Achas que já os leram a todos? — perguntou ela.

Os homens das mudanças andavam de um lado para o outro, e, a cada deslocação, ficavam mais vermelhos e transpirados.

— Não sei. Serão professores?

Ela bufou, com desprezo. Nenhuma de nós tinha os professores em grande conta.

Chegou, então, uma segunda carrinha, mais pequena do que a outra. «Mudanças Especializadas», dizia de lado. Dois homens saíram, um deles velho e careca, o outro mais novo, de cabelo encaracolado e com óculos.

— O que será aquilo? — perguntou a Karina, sentando-se mais confortavelmente no muro e raspando a ponta do verniz numa unha, os dedos abertos como garras.

Os dois homens entraram na casa e ouvimo-los falar com os homens das mudanças, embora não percebêssemos o que estavam a dizer.

— Vamos ter de entrar pelas janelas altas nas traseiras — disse o homem de cabelo encaracolado quando saíram pela porta da frente e começaram a abrir a carrinha.

A Karina e eu aguardámos, de respiração suspensa, para ver o que ia sair dali.

— Oh! — exclamou a Karina, vendo o homem mais novo sair lentamente da carrinha, às arrecuas, e descer uma rampa transportando algo sobre um carrinho. Era enorme e estava embrulhado num cobertor azul. O homem mais velho agarrou na outra ponta, como se a sua vida dependesse disso. — O que é aquilo?

Ao içarem, cuidadosamente, o carrinho para cima do passeio e ao atravessarem o portão do jardim, ouviu-se o ruído débil de algo a tilintar.

— É um piano! — disse eu, admirada. — Um daqueles pianos grandes. Devem ter-lhe tirado as pernas. Gostava de saber quando é que a família chega.

Estava ansiosa por ver os seres exóticos a quem pertenciam todas aquelas coisas.

— Pode não ser uma família — observou a Karina. — Acho que é um professor velho e esquisito que mora sozinho.

— Talvez — respondi, tentando não olhar de forma demasiado denunciada para o que iria sair da carrinha a seguir.

Fosse o que fosse, nunca o chegámos a ver, porque olhámos, então, para um carro velho e enferrujado que estacionou atrás da carrinha das mudanças. Apertei o braço da Karina e sussurrei-lhe: — Chegaram.

O primeiro que vimos foi o pai. Saiu do lugar do condutor e começou a bocejar e a espreguiçar-se ao lado do carro. Era alto e largo de peito, com o cabelo escuro e ondulado penteado para trás. Usava uma camisola e um lenço com um nó artístico ao pescoço. Tentei imaginar o meu pai com um lenço daqueles, mas não consegui. Só me vinha à cabeça uma imagem dele com o cachecol cinzento de lã que a minha mãe lhe dera no último Natal. Acho que nem o chegou a usar.

— Oh, Ellen, o tipo é jeitoso — comentou a Karina.

— Jeitoso? — murmurei. — Tem para aí 45 anos!

— E então?

Conversar com a Karina sobre rapazes, se eram bonitos ou feios, causava-me uma certa estranheza. Começáramos tarde nas andanças do amor, e tínhamos ambas dado o nosso primeiro beijo nas férias de verão, na festa da Tamara Gregg. A partir daí, a Karina estava sempre a perguntar-me se eu seria capaz de sair com um rapaz assim ou assado e a discutir os méritos de todos os rapazes da nossa turma. Parte de mim ansiava por lhe responder que preferia morrer a sair com aqueles idiotas fedorentos, mas não dizia nada disso. E, embora eu tivesse feito 16 anos pouco antes dela, levava-me sempre a sentir que era mais nova e estúpida do que ela naqueles assuntos, pelo que eu tinha por hábito concordar com as avaliações dela. Só beijara um rapaz, na festa da Tamara, para que os meus colegas de escola não achessem que eu era uma anormal por nunca ter curtido com ninguém. A Karina acabava sempre por concluir que o rapaz com quem mais queria sair era o Leo Smith.

O Leo tinha cabelo dourado e olhos castanho-escuros. Não era o rapaz mais fixe nem mais bonito do nosso ano, tão-pouco a estrela da equipa de futebol da escola, mas tinha algo de especial. Era inteligente, mas não parecia betinho, como os totós que



passavam todo o tempo livre na sala de informática. Eu não gostava propriamente dele, ou pelo menos não como a Karina, mas, às vezes, imaginava-nos a ter conversas profundas, e que ele me compreendia como jamais alguém compreendera.

A seguir, saíram do carro dois rapazes, ambos de cabelo escuro como o pai. Um deles parecia ter mais ou menos a nossa idade, e o outro um pouco mais velho, talvez cerca de 18 anos. Usavam os dois ténis *Converse* e calças de ganga. O mais novo tinha uma t-shirt cinzenta com uma camisola de manga comprida branca por baixo, e o mais velho, uma camisa com uma gravata fina. Saíram do carro, cabisbaixos, a murmurar um para o outro e a dar pontapés nos tufos de erva que cresciam nas fendas do passeio. Senti o calor corporal da Karina quando ela pressionou a sua perna contra a minha, e quase consegui ouvir o seu cérebro a ponderar a potencialidade dos dois enquanto seus namorados. Num contraste completo com a languidez deles, a mãe, também ela de cabelo escuro, saiu apressadamente do carro, envolta num tecido violeta rendilhado e com pulseiras prateadas. Discorria sobre tudo: a casa, o sol, o tamanho do jardim.

Percorreram os quatro o caminho do jardim. A Karina respirou fundo e eu preparei-me para ouvir uma dissecação meticolosa dos dois rapazes, mas a porta traseira do carro voltou a abrir-se e surgiu uma cabeça. A primeira coisa em que reparámos foi no cabelo dela, uma película dourada e brilhante que lhe descia pelas costas e me fez lembrar o papel em volta das moedas de chocolate. Depois, abanou o cabelo e vimos-lhe a cara, em forma de coração, perfeita, à exceção de uma fina cicatriz na face direita. Ouvi a Karina suster a respiração e percebi que eu havia feito o mesmo.

Como se nos tivesse ouvido, a rapariga virou a cabeça e lançou-nos um olhar desafiador e jocoso. Sentindo-me culpada, baixei os olhos, e a Karina fitou as unhas e soprou-lhes, cuidadosamente. A rapariga fez-nos sofrer um pouco mais, antes de voltar a lançar o cabelo para trás e entrar na casa, sem dizer

uma só palavra à mãe, que estava à porta a falar do tamanho dos quartos e da vista panorâmica sobre os edifícios londrinos. Quando a porta se fechou, a voz da mãe foi cortada abruptamente. A Karina e eu entreolhámo-nos, à luz do Sol.

— Viste...? — sussurrou a Karina.

— A cara dela. Sim.

— O que achas que lhe aconteceu?

— Sei lá!

A Karina encolheu os ombros de um modo teatral.

— Por amor de Deus, Ellen! Imagina só teres aquilo na tua cara. Será permanente? E ela é muito bonita.

— Eu sei.

Os homens das mudanças continuaram a trabalhar e a andar de um lado para o outro, como formigas, mas perdêramos o interesse pelos bens da família, pois já só pensávamos naquela rapariga bonita, estranha, desfigurada e peculiarmente romântica, como uma personagem de um conto de fadas.

Ao voltarmos para casa da Karina, virei-me uma última vez para a mansão e fitei os quartos no andar de cima. Não estava ninguém junto da janela de sacada, à direita, mas vi a rapariga loura junto de uma janela mais pequena, à esquerda. Não estava a olhar para mim; de testa apoiada no vidro, observava os telhados das casas. Por algum motivo, porém, não me pareceu que estivesse a apreciar a paisagem.

# ELLEN

## SETEMBRO DE 2017

Acordo cedo, toldada, de olhos remelosos e ainda com a roupa de ontem. Passei uma noite horrível, em que todas as células do meu corpo se mantiveram alerta, atentas ao barulho da chave na fechadura, ao ranger da tábua do soalho solta no corredor, ao ruído característico da torneira da cozinha. Vou de imediato ao quarto da Sasha, embora saiba que a teria ouvido se tivesse chegado durante a noite.

Está desarrumado, como sempre. Lembro-me da piada que costumava fazer: que, se a polícia viesse a nossa casa por um motivo qualquer, assumiria que lhe tinham assaltado o quarto. O meu medo aumenta quando penso nisso, e quase choramingo. Há peças de roupa espalhadas pelo chão e a sair das gavetas. O guarda-roupa está entreaberto e, como sempre, a rebentar pelas costuras. Há um espelho apoiado na cómoda, atrás de uma parafernália de produtos de maquilhagem, colares enrodilhados e copos de água estagnada meio bebidos. Uma revista está aberta numa página que descreve como conseguir um realce perfeito, e o papel brilhante tem as marcas dos seus dedos. Esteve aqui ontem de manhã.

O seu perfume paira no ar, as suas roupas exalam-no, a cama está por fazer.

O peso no meu estômago aumenta e o pânico que tenho tentado conter começa a apoderar-se de mim. Passa-se algo de errado. Sinto-o. A Sasha ter-me-ia ligado se soubesse que passaria a noite toda fora. Fazemos sempre questão de dizer uma à outra onde estamos. É uma das nossas cenas, sempre foi assim. Quando começámos a viver juntas, depois da universidade, e ela estava sempre a dormir em casa de homens que conhecia, nunca se esquecia de me enviar uma mensagem. «Ainda estou viva!», dizia amiúde. Ou então: «Não estou morta numa valeta!» E só então eu conseguia deitar-me, descansada por saber que ela estava bem. Uma vez, disse-lhe, num tom trocista, que eu era como a mãe dela, mas a sua expressão ensombrou-se e mudei rapidamente de assunto. Apesar de todos os nossos anos de proximidade, ela recusava-se a abordar certos temas, estando a mãe dela no topo da lista, e, claro, logo seguida pelos Monktons.

Nunca discutimos o julgamento, ou pelo menos nunca falámos devidamente dele, nem sequer naquela época. Nem quando recebemos as cartas. Estávamos juntas, no dia em que chegou a primeira, escrita e remetida na manhã em que seria lida a sentença. Nessa altura, a Sasha morava connosco. Tenho a certeza de que a minha mãe contava, em segredo, os dias que faltavam para o seu regresso à universidade, em outubro. Nunca a aceitou de bom grado, embora soubesse que ela não podia continuar a viver com os Monktons estando lá o Daniel solto sob fiança.

De manhã, desci para fazer uma chávena de café à Sasha e deixei-a a dormir, na cama desdobrável do meu quarto, de costas e de braços rentes ao corpo, como uma estátua de mármore. Inalcançável. Quase ignorei a correspondência na alcatafa, mas, como a minha mãe andava a moer-me o juízo para trabalhar mais em casa e para reparar nas pequenas coisas que havia para fazer todos os dias, peguei nas cartas. A carta no topo

fora escrita à mão, um facto suficientemente invulgar para me levar a dar-lhe uma segunda vista de olhos. Destinatários: eu e a Sasha. Atirei o resto das cartas para o chão e corri até ao andar de cima, esquecendo-me por completo do chá. Ela estava acordada e pousei, cuidadosamente, a carta na cama, à frente dela.

— É a letra do Daniel — observou ela. Olhámos para a carta, como se lhe pudessem nascer dentes e morder-nos. Fitámos, ao mesmo tempo, o espelho de corpo inteiro na parede, que refletiu os nossos rostos assustados no silêncio.

— Será que devo...? — Estendi uma mão, hesitante.

A Sasha anuiu com um aceno de cabeça. Enfiei o polegar sob o papel grosso e sedoso do envelope e rasguei-o, retirando de pronto uma folha do papel timbrado da Olivia. Provavelmente não passava de imaginação minha, mas pareceu-me sentir o seu característico perfume almiscarado. O papel continha algumas frases que li em voz alta à Sasha, com a garganta apertada por conta do medo.

*À Ellen e à Sasha,*

*Hoje vou descobrir se passo os próximos anos da minha vida na prisão ou se saio em liberdade e ilibado, como seria justo. Se eu for para a cadeia, não será apenas a mentirosa da Karina que não conseguirá mais dormir em paz.*

*Vocês as duas mentiram em tribunal. Optaram por me fazer isto, e nunca deixarei que se esqueçam disso. Um dia, não de pagar por isto.*

*Daniel*

Penso agora nessa carta; tenho todas as palavras gravadas no meu cérebro. A Sasha guardou-a, tal como às outras que recebemos mais tarde, depois de o Daniel sair da prisão. Tivemos direito a cinco anos de um silêncio abençoado, e, nesse período, sabíamos ao certo onde ele estava. Ou não nos

escreveu nesses cinco anos, ou confiscaram-lhe as cartas na prisão antes de as conseguir expedir, por as considerarem demasiado ameaçadoras. Depois, há cinco anos, quando saiu em liberdade condicional, as cartas recomeçaram a aparecer.

Onde estarão agora essas cartas? Vasculho as gavetas da mesa de cabeceira da Sasha e tento mitigar a desconfortável sensação de culpa dizendo a mim mesma que ela não haveria de se importar que eu o faça nestas circunstâncias, embora não saiba se isso é verdade. Encontro postais de aniversário antigos, medicamentos fora da validade, vernizes secos, peças de joalharia partidas e até o passaporte dela, mas não vejo o mais pequeno vestígio das cartas. Retiro tudo que está debaixo da cama e verifico todas as caixas de arquivo, todos os caixotes, mas não as encontro. Verifico todas as caixas de sapatos em mau estado guardadas no armário, todas as malas velhas penduradas atrás da porta, esvazio as gavetas cheias de roupa e chego, inclusive, a retirá-las todas só para ver o que está por trás, como se ela pudesse ter escondido as cartas com fita adesiva, à laia de um daqueles filmes maus que passam na televisão, mas não encontro nada. Ainda guarda todas as composições e notas da escola, agendas do tempo da universidade, e até mais antigas, roupas e sapatos que não a vejo usar há anos, e, no entanto, parece não ter guardado as cartas. Não é que eu deseje propriamente lê-las — lembro-me bem de todas as palavras de acusação, de todas as expressões de ódio, de todas as ameaças; quero apenas vê-las, para me sentir satisfeita por estarem aqui.

No fim, admito a minha derrota, atiro-me para cima da cama e olho em redor. Pelo menos o quarto parece um pouco mais arrumado agora que o analisei ao milímetro, pois fui colocando tudo novamente no sítio. O meu telemóvel toca na mesa de cabeceira e pego nele. É o Jackson. Ao atender a chamada, rezo para que a Sasha tenha aparecido no apartamento dele, arrependida e munida de uma explicação razoável.

— Tiveste notícias dela? — pergunta ele sem qualquer preâmbulo ou introdução.

O coração parece cair-me aos pés.

— Não. Isso quer dizer que também não sabes nada dela?

— Merda! Onde estará ela? — Ele soa mais preocupado do que zangado, e sinto o estômago revolver-se-me de dor. Já não sou a única a sentir-se aterrorizada. — Achas que devíamos ligar à polícia?

— Oh, meu Deus, Jackson, não sei! Ela está desaparecida há menos de 24 horas. Não fazem nada nesses casos, pois não?

— Não sei. Acho que, primeiro, devíamos fazer umas chamadas e perguntar se alguém sabe alguma coisa dela. E talvez telefonar para os hospitais?

— Sim, claro. — Preocupei-me tanto com os meus próprios medos que nem me ocorreram coisas tão simples quanto aquelas. — Podes ligar aos hospitais enquanto tento falar com os amigos dela?

— OK. Liga-me se souberes de alguma coisa, está bem?

— Sim, claro. E tu faz o mesmo.

Ao desligar, ocorre-me que não conheço o Jackson tão bem quanto seria de se supor que conhecesse o namorado da minha melhor amiga. Estão juntos há um ano; não é propriamente só um caso passageiro. Não sei ao certo se não o conheço bem porque não me dei ao trabalho ou se foi ele que não se esforçou, ou mesmo se foi a Sasha que o manteve à distância por um motivo qualquer.

Decido começar pela Rachel, a amiga da Sasha dos tempos da universidade, que conheci quando viemos viver juntas para Londres. Formamos um trio estranho; à noite, vamos ao Forresters, o nosso bar local, e, aos sábados à tarde, vamos à Oxford Street ou a Covent Garden comprar roupa. Muitas vezes, tentam convencer-me a comprar coisas que experimentei por piada, mas que estão acima das minhas possibilidades. Nenhuma delas tem noção de quão limitado é o meu orçamento. A Rachel é consultora de gestão e ganha bem, e a Sasha, além de ter um emprego em marketing, é dona deste apartamento, pago pela mãe dela. Cobra-me apenas uma

renda simbólica, e eu não me poderia mudar daqui mesmo que quisesse.

Uma vez, fomos as três de férias. Elas queriam ir à Tailândia, mas eu não tinha como pagar uma viagem dessas, pelo que nos contentámos com uma semana em Málaga. A Rachel e eu fazíamos turnos a ser a amiga sobresselente.

Tenho a leve sensação de que ela gostaria que a sua relação de amizade com a Sasha fosse como é comigo. Não compreende que esta amizade resulta de anos de experiências em comum, uma intimidade insubstituível, por mais noites que passem na bebedeira ou às compras, ou por mais unhas que pintem juntas. A Sasha e eu passámos por coisas que a Rachel jamais entenderia — nem ela nem qualquer outro dos nossos amigos.

A Rachel vai adorar ter sido a primeira pessoa a quem liguei. Está sempre a dizer que a Sasha é sua amiga «a qualquer hora», a amiga a quem pode telefonar em caso de emergência, aconteça o que acontecer. A Sasha, por seu turno, não pensa o mesmo dela: a amiga em quem pode confiar sempre sou eu, e eu confio nela. Ligava-me sempre que tinha um desgosto amoroso ou passava por algum drama, isto quando estudávamos em universidades diferentes, e sempre me contou os seus problemas a partir do momento em que começámos a morar juntas. Quer eu gostasse de os ouvir quer não.

Presumo que a Karina também tenha sido esse tipo de amiga, há anos. Mas sempre soube que não conseguiria continuar a ser amiga dela depois de tudo o que aconteceu. Precisávamos ambas de nos afastar, de seguir em frente. De tentar encontrar uma forma de viver com o que aconteceu, de recompor as nossas vidas destroçadas.

A Rachel atende ao primeiro toque.

— Olá! — diz ela, parecendo surpresa. Apercebo-me de como é raro telefonar-lhe. — Está tudo bem?

Pondero, por segundos, no possível motivo para ela achar que poderia não estar tudo bem, mas não posso perder demasiado tempo com tais divagações.



— Não sei — respondo. — Viste a Sasha? Quer dizer, se a viste ontem ou hoje.

— Não, ontem vim diretamente para casa quando saí do trabalho — diz ela, como se me apresentasse um álibi. — E hoje ainda não saí. Porquê?

— O Jackson veio cá à procura dela ontem à noite. Tinha ido ter com ela ao trabalho. — A Rachel bufa. Não tem paciência para os ciúmes paranoicos do Jackson. — Bem, de qualquer maneira, parece que ela não apareceu no trabalho de tarde, e ontem à noite não veio a casa.

— Já tentaste ligar-lhe?

— Claro! — digo, irritada. — Não sou assim tão estúpida.

Desconfio que a Rachel me acha uma cabeça de vento, por ter um emprego que não considera digno. Está sempre a apahnar voos de última hora para Paris ou Nova Iorque, e faz questão de viajar com fatos todos janotas. Se eu fosse locutora na Classic FM ou na Radio 3, talvez ela ficasse impressionada, mas acha a Simply Classical uma porcaria, uma mera indulgência e pouco mais que um passatempo, e provavelmente nunca leu nenhum dos artigos que publiquei na imprensa especializada em música clássica.

— Sim, eu sei, desculpa — diz ela, tentando acalmar-me. — Talvez ela... Não sei, talvez tenha encontrado alguém por acaso e tenham acabado por sair juntos, e ela tenha passado a noite em casa dessa pessoa?

— Mas quem? De qualquer forma, ela ter-me-ia telefonado ou enviado uma mensagem. É o que faz sempre.

— Talvez se tenha esquecido desta vez. — Esforça-se para abafar um tom de triunfo ao pensar que a Sasha e eu não somos, como ela suspeita, tão íntimas quanto julgamos ser. — Ou ficou sem bateria.

Esta é a única explicação que não me aterroriza, e tenho-me agarrado a ela como uma lapa a um rochedo.

— Fazes-me um favor, Rachel? Liga a toda a gente que possa ter estado com ela e pergunta-lhes se sabem de alguma coisa.

— Sem problema — responde-me, com uma eficiência imediata. Dividimos entre as duas os amigos de quem temos o número e combinámos ligar uma à outra assim que tivermos notícias da Sasha.

Dez minutos mais tarde, havia ligado a todas as pessoas na minha lista sem ter descoberto nada, e, cinco minutos depois, recebo uma mensagem da Rachel: «Ninguém a viu. Polícia???»

«Achas que sim? Ou esperamos um pouco?», escrevo em resposta.

Há um compasso de espera, durante o qual a Rachel decide claramente que não quer ter a responsabilidade de tomar esta decisão, pois responde: «Decide tu.»

Aninho os pés debaixo de mim, na cama da Sasha, tentando não roer a pele em volta das minhas unhas. Também não quero ser eu a decidir. Tenho tendência para dramatizar as situações, e isso dificulta-me saber quão realistas são os meus receios. Será que a polícia se vai rir de mim se ligar agora? Afinal de contas, ela é maior e vacinada, não tem de dar satisfações a ninguém nem de dizer onde está. Mas e se a estiver a fazer correr um risco ainda maior ao adiar a comunicação à polícia? Será que as autoridades vão ficar furiosas por não as ter avisado de imediato? E se ela regressar depois, ou pelo menos me der a saber que está bem? Não quero que a polícia perca tempo sem necessidade.

Recebo, nesse preciso momento, uma mensagem do Jackson, que diz ter telefonado a todos os hospitais de Londres. Nenhum deles tem qualquer registo sobre a Sasha, o que me deixa ainda mais confusa. Por fim, pego no telemóvel e faço o que costumo fazer sempre que tenho de tomar uma decisão.

— Olá, querida — cumprimenta-me. Sinto-me imediatamente mais calma. A minha mãe e eu tornámo-nos distantes durante aquilo a que chamo «os anos dos Monktons», mas é a ela que recorro em busca de reconforto desde a passagem de ano de 2006. — Como estás?

— Não muito bem, para dizer a verdade — respondo, com uma voz trémula. — É a Sasha. Está... desaparecida.

— Como assim, desaparecida?

Juntamente com a gratidão por eu não ter sofrido um acidente ou por não me ter sido diagnosticada uma doença grave, noto-lhe um ligeiro tom de irritação na voz. A sua satisfação inicial por me ver encontrar uma nova amiga durou pouco tempo. À medida que eu ia passando cada vez mais tempo em casa dos Monktons, a minha mãe começou a sentir que me estava a perder. Nem sequer me podia encorajar a sair mais com a Karina, porque ela também lá ia sempre que podia, pois aquele estilo de vida, tão diferente do nosso, seduzia-nos imenso. Fico hirta, como acontece sempre que vejo pessoas que não conhecem a Sasha tão bem quanto eu criticá-la.

— Desapareceu — digo com brusquidão. — Ninguém sabe dela desde ontem ao almoço.

— Oh! — A minha mãe não estava à espera disto, e sinto uma ponta desconfortável de contentamento que me recorda a nossa outrora tensa relação. — Talvez tenha encontrado alguém ou... Não sei, talvez tenha ido a algum lado sem avisar. Não seria a primeira vez, pois não?

Sei a que é que ela se está a referir. Ao verão de 2006. A Sasha desapareceu sem avisar ninguém e deixou-nos a todos preocupadíssimos durante 24 horas, até, por fim, telefonar à Olivia para lhe dizer que tinha encontrado uns velhos amigos e ido com eles a França, assim, sem mais nem menos, no calor do momento. Eu fiquei devastada. Tínhamos planeado ir de férias juntas, mas vi-me obrigada a suportar dias de um tédio mortal enquanto trabalhava na Body Shop, e as noites, passava-as encafuada no calor infernal do meu quarto a ouvir a Olivia a cantar na minha aparelhagem e a imaginar o que a Sasha estaria a fazer.

— Ela ter-me-ia avisado, mãe. A sério. Ela agora é diferente. — Pelo menos tenho de acreditar que é.

— Sim, acredito que seja. Não a vejo há... sabe Deus quantos anos. E ela nunca vem visitar os Monktons.

— Claro que não. Não os vê desde... Espera lá, como é que sabes que nunca os vai visitar?

— Vejo a casa deles da nossa janela da frente, não vejo? Não que os ande a espiar, claro.

— Não, claro que não — digo eu com um sorriso. Não é sem motivo que as amigas da minha mãe lhe chamam «vigilante de bairro unipessoal».

— O Nicholas, por seu turno, vem visitá-los. Presumo que seja a única pessoa que lhes resta. Coitados. — Ela pode dar-se ao luxo de ser magnânima, agora que a Olivia e o Tony se deram tão mal na vida. — Embora... — Hesita, como se pensasse melhor no que estava prestes a dizer.

— Embora o quê? — insisto, sabendo que me quer dizer algo que eu gostaria de saber, mas que, a seu ver, seria melhor ocultar-me.

— Provavelmente não é nada, não te preocupes.

— Oh, por amor de Deus, mãe, diz lá o que é!

— Bem... no outro dia, estava a olhar, por acaso, pela janela e pareceu-me... pareceu-me ver o Daniel.

Começo a ver a sala a andar à roda e engulo em seco. Tento de tal maneira manter-me calma que não consigo falar.

— Ellen? — diz a minha mãe, com cautela.

— Quando? — consigo perguntar.

— No último fim de semana, acho eu — responde ela, de um modo vago.

— E quando dizes que te parece tê-lo visto...

— Estava a escurecer, e ele veio do outro lado, não passou pela nossa casa, por isso, não o vi bem. Até podia ter sido o Nicholas; eles são muito parecidos, não são? De qualquer maneira, não me parece que fosse. Havia algo nele, talvez na sua forma de andar.

Tenho o coração sobressaltado e tento respirar fundo; o telemóvel é como fogo na minha orelha. Se o Daniel voltou, só me resta ligar à polícia. «Um dia, hão de pagar por isto.» Finjo que estão a bater à porta e despeço-me rapidamente da minha mãe.

A sós, deito-me na cama da Sasha, enterro a cara na almofada dela e embrulho-me no edredão, tentando trazê-la de volta a mim. No entanto, não consigo aquecer-me. Nada me pode aquecer, porque, aqui deitada, rodeada das suas coisas, impregnadas com o seu cheiro, não consigo pensar noutra coisa, de coração gelado, senão no Daniel Monkton.

**ALGUÉM ANDOU A MENTIR.  
ALGUÉM SABE A VERDADE.  
ALGUÉM ESTÁ DE OLHO EM TI.**

Quando Sasha entra na vida de Ellen, esta fica imediatamente deslumbrada por ela. Por isso, quando Ellen começa a frequentar a casa da amiga, é incapaz de ver a escuridão que se esconde por detrás do estilo boémio daquela família. Até que um ataque brutal tem lugar na noite de Ano Novo, mudando para sempre a vida de todos.

Dez anos depois, Ellen e Sasha, ainda unidas pelo que aconteceu naquela trágica noite, partilham um apartamento em Londres. Quando Sasha desaparece, Ellen teme o pior. A polícia não a leva a sério, mas os acontecimentos do passado dão-lhe boas razões para ter medo.

O que aconteceu realmente? Quem está a dizer a verdade? Será que Ellen conhece, de facto, Sasha? Ellen terá de procurar respostas a estas perguntas para conseguir encontrar a amiga. Mas alguém sabe que andam a remexer no passado... e esse alguém não quer que a verdade venha ao de cima.

«Laura Marshall é um nome a reter no mundo dos thrillers arrebatadores e sinuosos.»

*Daily Mail*

LEIA TAMBÉM:



<b>TOPSELLER</b> os livros em primeiro lugar <b>20 20 editora</b>	ISBN 978-989-8917-94-2  9 789898 917942 Thriller
---	---